



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

NA CASA DE ZÉ PEQUENO: HISTÓRIA E MEMÓRIA AFRO-BRASILEIRA EM VITÓRIA DA CONQUISTA

Ruddy Aquino Wanderlei*
(UESB)

Itamar Pereira de Aguiar **
(UESB)

INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se no campo de estudos sobre religião, com enfoque nas chamadas religiões afro-brasileiras ou religiões de matrizes afro-indígena. Nosso objeto de pesquisa consiste no estudo da casa de José Oliveira dos Santos, mais conhecido como “Seu Zé Pequeno”, destacado sacerdote afro-brasileiro de Vitória da Conquista. Apesar de ser figura de expressiva atuação na Cidade e redondezas e seu terreiro ter alcançado ampla presença na sociedade regional, até então nenhuma pesquisa monográfica específica foi produzida sobre esse importante líder religioso e sua casa. Parece haver em Vitória da Conquista um sintomático silêncio em relação à memória e a história das práticas religiosas dos negros e dos indígenas, antigos habitantes do Sertão da Ressaca.

A casa ou terreiro de Zé Pequeno foi organizado nos anos 1930 e teve seu período áureo de atuação entre os anos 60 e 70 do século passado, vindo a entrar em declínio com a morte de seu líder em setembro de 1977. O terreiro funcionou até meados dos anos 1980, sendo conduzido por parentes consangüíneos e filhos espirituais de Zé

* Aluno do Curso de Pós-graduação lato senso Educação, Memória e Sociedade.

** Orientador.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

Pequeno, mas teve seu prédio vendido no início dos anos 1990 para um empresário local, que destruiu todos os símbolos e altares que ainda existiam.

Nossa proposta de estudo visa identificar as práticas litúrgicas e rituais desse terreiro, bem como, as representações míticas e simbólicas produzidas por uma comunidade afro-brasileira em Vitória da Conquista, num período de expansão das religiosidades africanas em todo o Brasil, sobretudo a Umbanda.

Foi no contexto supra referido, que a casa de seu Zé Pequeno adquiriu visibilidade na Cidade, angariando para si inclusive clientes e adeptos da classe média local, vinculações com políticos e toda sorte de lideranças, bem como, um número expressivo de adeptos.

Talvez o mais importante legado deixado pelo terreiro de seu Zé Pequeno, tenha sido a moldagem de um padrão ritual hegemônico no campo afro-brasileiro local, que vigorou até o fim dos anos 1990. Quase uma lenda ainda em vida, e mitificado após a morte, o pai-de-santo Zé Pequeno iniciou em sua casa um número expressivo de líderes de futuros terreiros, e influenciou dezenas de casas de culto que de uma forma ou de outra seguiam o modelo de religião vigente em sua casa.

Chamado de Centro de Candomblé Nossa Senhora da Conceição, como o próprio nome do terreiro sugere, apresentava identidade sincrética, amalgamando elementos e símbolos do universo místico afro-brasileiro. A rigor as práticas desse terreiro se vinculavam a “umbanda” de colorido local, eivada de símbolos católicos, práticas mágicas populares, elementos indígenas e africanos, sobretudo bantos. A denominação umbanda para aquela prática religiosa é tardia, e o que tínhamos na verdade eram tradições locais, distantes da umbanda do sudeste do país, e que estavam centradas nos cultos aos espíritos caboclos, boiadeiros e marujos, numa rica farmacopéia popular e tradicional, mesclada a elementos do espiritismo kardecista e do catolicismo.



ISSN: 2175-5493

VII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de novembro de 2007

O que particularmente nos move na direção dessa pesquisa é trazer a tona esse importante capítulo da história e da memória afro-brasileira local, e sua contribuição na formação de um campo afro-religioso com suas especificidades.

Apoiado nos estudos de religião, memória e nos clássicos trabalhos sobre religiões afro-brasileiras, a partir de Nina Rodrigues, pretendemos traçar um panorama das práticas e representações da casa de seu Zé Pequeno. Devido à quase inexistência de fontes escritas sobre o objeto, a maior parte de nossas fontes consistem em testemunhos orais de parentes, filhos-de-santo, amigos e simpatizantes que conviveram e participaram daquele terreiro.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Itamar Pereira de. *As Religiões Afro-Brasileiras em Vitória da Conquista: Caminhos da Diversidade*. Dissertação de Mestrado; Vitória da Conquista, 1997.
- BASTIDE, Roger. *As Religiões Africanas no Brasil. Contribuição a Uma Sociologia das Interpretações de Civilizações*. São Paulo: Liv. Pioneira Editora, 1973,
- BURKE, Peter. *Varieties de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- ORTIZ, Renato. *A Morte Branca do Feiticeiro Negro – Umbanda e sociedade brasileira*. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- RODRIGUES, Raimundo Nina. *O Animismo Fetichista dos Negros Bahianos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
- RAMOS, Arthur. *O Negro Brasileiro*. Rio de Janeiro: Cia. Editora Nacional, 1940.
- SANTOS, Juana Elbein dos. *Os Nãgó e a Morte – Páde, Àsèsè e culto Égun na Bahia*. 9ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- WANDERLEI, Ruddy A. *Quando eu cheguei de Aruanda: o culto aos Caboclos no Candomblé Conquistense*. Vitória da Conquista, 2003. (Monografia de graduação em História), p:65.
- WEHLING, Arno & WEHLING, Maria José...[et. al.]. *Memória Social e Documento: uma abordagem interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Universidade do Rio de Janeiro. Mestrado em Memória Social e Documento, 19